

O FILHO ETERNO

Maria Terêsa Rocha TRIÑANES^{1,2}

TEZZA, C.C. *O Filho eterno*. Rio de Janeiro: Record, 2007. 222p.

Cristovão César Tezza: romancista brasileiro premiado pela Academia Brasileira de Letras com o livro “O Fotógrafo”. Doutor em Literatura Brasileira, atualmente é Professor Adjunto de Linguística na Universidade Federal do Paraná, trabalha com os temas: prosa, poesia e teoria literária. Atuações profissionais que garantem, neste romance, a maestria com que aborda o tema sobre as inquietações da alma de um pai - ele mesmo - que vê sua vida rebentada com a chegada de seu filho com Síndrome de Down.

Ao romancear, atinge o objetivo de tornar sua história uma obra literária que preenche os quesitos do gênero narrativo com boa dose de ficção. Sua particularidade e genericidade masculina são reguladas por seus juízos de valores sócio-culturais que o alienam e provocam a revisão de seus papéis sociais autodeteriorados pela imagem engessada que tem de seu filho, com deficiência mental. “[...] *essa criança não lhe dará nada em troca*. Sequer aquele prazer mesquinho, mas razoável, de mostrá-lo aos outros como um troféu, já antevendo secretas e inauditas qualidades no futuro daquele (que seria um) belo ser.” (p.74).

O livro relata experiências do cotidiano, que acontecem a partir do nascimento de seu filho, em três de novembro de 1980, quando o autor inicia sua crise interior explicitada nas reflexões, com a consciência de que sua inteligência se contrapõe à sua incapacidade de mudar sua história e a de seu filho, evidenciando a fragilidade dos laços familiares. “Pai e Mãe são tomados pelo silêncio. [...] é preciso sentir a consistência daquele peso irremovível para todo o sempre, preso na alma, antes de dizer alguma coisa. Monossílabos cabeceantes, teimosos – os olhos não se tocam. [...]. Três estranhos em silêncio. Não há nada o que abraçar” (p.66).

Nesta perspectiva, o romance releva o papel da figura masculina na relação familiar, através dos sentimentos explícitos na narrativa, tornando-o um pai planetário, como todos os pais se veem. E, mesmo com a necessidade de transformação, ainda precisa cuidar da preservação de sua identidade social. Busca intensamente construir diferentes espelhos, nos quais revê o cotidiano passado, refletido no presente das duas vidas: a sua e a de seu filho.

¹ Mestranda, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

² Professora, Escola Estadual Profa. Almerinda Rodrigues. Rua Jandaia do Sul, 111, Jd. Ipê II, 13846-065, Mogi Guaçu, SP, Brasil. E-mail: <mariateresa_rt@hotmail.com>.

Durante toda a leitura, percebe-se a linha tênue do credo solidário cultural de amar o próximo, simplesmente por ser próximo, em contradição com a real essência do amor “apesar de”. Assim, trava uma luta pessoal pela aceitação da deficiência, transfigurando-a em normalidade, através da concepção de que todos são diferentes em características pessoais. “... não será derrotado pela vergonha de seu filho, ainda que tenha de fazer uma ginástica mental a cada vez que se fale dele em público” (p.63).

Ao longo da leitura percebem-se os conceitos de vida do autor, através de seu personagem, que a todo instante deixa explícita sua ideologia, construída a partir de suas vivências sócio-histórico-culturais e anseios de vida melhor. E quando esse caminho é truncado, pela chegada do inesperado, seus sentimentos mais profundos emergem e se confundem com o fato de ser uma pessoa normal, que de agora em diante carregará um estigma que o diminuirá socialmente e profissionalmente. Assim, acoberta de si mesmo a realidade familiar. Subverte seus gestos habituais, na tentativa vã de rever suas autoexigências, esbarrando numa nova ética crítica e faticamente transformadora.

Nesse vai e vem, agrega e segrega o filho à sua vida. O romance flui como maré, com a clareza verdadeira dos fatos que provocam a reflexão crítica sobre os diferentes ambientes, os quais o autor se vê obrigado a frequentar, ora por fuga da presença de seu filho em sua vida ora por obrigação de cuidar de uma vida que sempre precisará de um pai, para poder viver e sobreviver. É nesse movimento que constata que seu filho será uma eterna criança. O autor procura guardar, no tempo, a dor, em detrimento da necessidade de sobreviver, viver e simplesmente amar como pai, “[...]eu tenho de viver mais que meu filho, ele sonha, para jamais deixá-lo sozinho: só eu o conheço, ele se diz, sem perceber, inocente, a estupidez de suas palavras” (p.201). Contrapondo-se ao fatalismo, logo no início do romance, de desejar uma vida breve, a morte, para o filho, como solução para o fim de sua tragédia.

Cristóvão Tezza induz o leitor a caminhar junto com ele nos percalços falidos da integração, na década de 1980, nos levando à aceitação incondicional do paradigma que ressignifica a identidade das pessoas com necessidades especiais: a real inclusão que não fixa a identidade em modelos ideais e permanentes como essenciais.

Um detalhe que chama muito a atenção durante todo o romance é a lapidação que o autor faz do tempo. Tempo, com relação a desenvolvimento físico, pessoal e intelectual [...] um tempo que apavora e ao mesmo tempo acalma [...], que provoca frio na alma e aquece o coração [...] que é futuro, presente e passado, ao mesmo tempo. Em um momento é absoluto e, logo em outro, é líquido; sendo necessárias quantidades distintas para a construção e projeção de suas novas perspectivas de vida.

Cristóvão Tezza tece seu romance com habilidade artesã e premia o leitor com uma cena sensível e pura, quando olha pela janela e vê o filho tentando abrir a porta do carro, sem sucesso, assim como ele um dia tentou abrir a porta da igreja, para fugir; e nessa comunhão de intenções, que tangem a normalidade dos processos de aprendizagem do ser humano, percebe-se uma fresta, na janela de sua alma, para a possibilidade de compreensão e rendição ao amor paterno. O homem pai, então, tenta se segurar e assegura-se na relação familiar, para poder aceitar o filho como ele é e não como gostaria que fosse.

À medida que narrador e personagem se envolvem e expõem o cotidiano, o leitor participa como expectador sensível, sentindo, em sua própria pele, as frustrações, alegrias, estranhamento e reconhecimento.

Revelador do tema masculino, do ser paterno, retrata com angústia a peregrinação da família pelos diferentes serviços terapêuticos de saúde; a constatação de ingerências nas políticas públicas; e a ineficácia da integração escolar. Uma história que envolve leitores dos diferentes segmentos sociais, pois dá a dimensão da

precariedade pessoal da aceitação do diferente, da diversidade, que se encontra nas almas humanas. Leitura interessante para profissionais especializados, das áreas da saúde, que buscam compreender as aflições e expectativas da família que acolhe um filho com necessidades especiais. E para sociólogos, na clarificação da singularidade que é o próprio indivíduo, consigo mesmo, e sua sensação de pertencimento em seu núcleo social, no qual, de determinante, passa a ser determinado por sua complexidade de consciência humana.

Os momentos de vida, sensivelmente escolhidos pelo autor, neste romance, tornam obrigatória a sua leitura pelos professores especializados em Educação Especial, pois têm a premência do desafio de olhar prismaticamente seu sujeito e sua família, no afã

de co-educar, como um ato político de autonomia, independência e de libertação, tão essenciais à efetiva e participativa inclusão social.

Embora a temática da obra seja mesclada pela ficção e explicitada pelo sujeito singular, seu valor está pautado na coragem do autor/pai em revelar sua intimidade, socialmente estigmatizada. As concepções humanas sobre pessoa com deficiência e inclusão, reunidas nesta obra, ao mesmo tempo que chocam, elevam o homem a um patamar planetário de absolvição, pois revelam a luta interior da essência paterna, que busca simplesmente, de forma plena, viver e amar seu filho.

Recebido em 18/4/2009 e aceito para publicação em 5/6/2009

